

Uma etnografia dos circuitos de valor em mobilidade: o cálculo impreciso e o hibridismo de influências entre o urbano e o rural

Maria Carmencita Job¹

Resumo: Este artigo analisa circuitos de valor em mobilidade junto das práticas econômicas do projeto *Looping Rural*, hospedagem rural localizada no Vale das Princesas (Rio de Janeiro) que oferece experiências agroecológicas. Partindo do olhar da etnografia e cenas que remontam o hibridismo de influências entre urbano e rural, analiso as relações permeadas por uma alimentação de produção e manejo local, junto das práticas econômicas alternativas e informais, configuradas a partir de uma ecologia integral. O resultado mostra que viver em mobilidade urbano-rural proporciona uma expansão sobre a relação entre natureza e o ser humano, trazendo uma visão holística ecológica, que beneficia, não só o comércio de produtos e serviços como, também, expande circuitos de pagamentos alternativos que visam criar uma maior pessoalidade entre as pessoas.

Palavras-chave: Rural. Urbano. Mobilidade. Ecologia. Práticas econômicas.

An ethnography of value circuits in mobility: the imprecise calculation and hybridity of influences between the urban and the rural

Abstract: This article analyzes value circuits in a mobility along economic practices of the Looping Rural project, accommodation located in Vale das Princesas (Rio de Janeiro) which offers agroecological experiences. Starting from ethnography and scenes that trace the hybridity of influences between urban and rural, I analyze relationships permeated by local production and management, plus alternative economic practices, configured as a political proposal. The result shows that living in urban-rural mobility benefits the trade of products and services, and, also, provides alternative payment circuits aimed at creating personality.

Keywords: Rural. Urban. Mobility. Ecology. Economic practices.

¹ Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: mariacfelicidade@gmail.com

Una etnografía de los circuitos de valores en la movilidad: el cálculo impreciso y la hibridación de influencias entre lo urbano y lo rural

Resumen: Este artículo analiza los circuitos de valor de la movilidad junto con las prácticas económicas del proyecto Looping Rural, alojamiento ubicado en Vale das Princesas (Río de Janeiro) que ofrece experiencias agroecológicas. A partir de la etnografía y escenarios que rastrean la hibridación de influencias entre lo urbano y lo rural, analizo relaciones permeadas por la producción y gestión local y prácticas económicas alternativas, configuradas como propuesta política. El resultado muestra que vivir en movilidad urbano-rural beneficia el comercio de productos y servicios, y también brinda circuitos alternativos de pago orientados a la creación de personalidad.

Palabras clave: Rural. Urbano. Movilidad. Ecología. Prácticas económicas.

Introdução

O território rural tem sido cenário de profundas transformações, não apenas na paisagem, mas nos campos sociais, culturais e econômicos (CARNEIRO, 1998). Após a crise de 2008 percebe-se uma onda de questionamentos sob ação direta do capitalismo e o acúmulo de bens, criando a necessidade de repensar escolhas e atitudes de vida. A partir de Castells (2019, p. 09), discuto os questionamentos por ele descritos através de um momento de "[...] práticas encarnadas por valores alterativos, ou seja, a vida acima do dinheiro; a afetividade e cooperação acima da competição; e a responsabilidade social acima das estratégias financeiras".

Neste sentido, famílias de camadas médias, sobretudo pós-Covid-19, foram levadas a repensar a cidade como local de moradia. Onde viver com mais segurança, ar fresco, alimentos colhidos direto da horta e uma relação harmoniosa com o tempo da natureza, é um dos objetivos. Para tanto, os fluxos do urbano para o rural rompem, de certa forma, a tradicional dualidade existente entre o campo e a cidade, criando possibilidades continuadas de deslocamentos e promovendo diálogos entre novos atores, permitindo com isso, a dilatação do fenômeno chamado "Renascimento do Rural" (KAYSER, 1990).

Segundo Carneiro (1998), o diálogo entre campo e cidade fez nascer o pensamento de nova uma identidade chamada "novos rurais". Atores sociais urbanos que buscam viver considerando questões éticas e ecológicas, conferindo outros significados às suas vidas e influenciando os demais a sua volta, em um movimento de "retorno às origens". Estes atores estão localizados, sobretudo, em grandes centros urbanos, entre as regiões sul e sudeste do Brasil, territórios estes, de maior aderência das camadas médias e seu "campo de possibilidades" (VELHO, 1994), proporcionando efeitos para quem mora no rural e, para quem está em fluxo.

Questões iniciais acerca do estudo e seus dados

O recorte deste artigo busca compreender os circuitos de valor que estabelecem relação com as práticas de Julia, interlocutora oriunda de minha dissertação "Estudo Etnográfico das experiências de três mulheres brasileiras que transformaram seus estilos de vida" (JOB, 2021). Na pesquisa realizada pôde-se analisar: 1. Processos de Mudança; 2. Práticas Econômicas; 3. Formas de Ativismo, a partir do projeto autônomo de Julia, chamado *Looping Rural*, localizado no Vale das Princesas, serra do Rio de Janeiro. Para tanto, apresento um recorte da etnografia realizada com Julia, a partir dos seus **circuitos de valor em mobilidade**, onde procuro explicitar suas práticas ecológicas e econômicas, dilatadas pela descrição de cenas paradigmáticas, junto do hibridismo de influências das experiências de Julia, com sua família e comunidade de amigos urbanos no Vale das Princesas, ao construir sua vida no rural.

O campo foi realizado a partir de uma etnografia, onde estive presencialmente, durante cinco dias, em dezembro de 2019, no *Projeto Looping Rural*, iniciando um processo de absorção dos momentos vividos, num itinerário profundo, ao lado de Julia, dialogando com temas e discussões fomentados neste artigo. A descrição do acompanhamento etnográfico foi realizada através de cenas que explicitam de forma intensa e detalhada o estilo de vida de Julia e suas práticas ecológicas e econômicas.

Diante das possibilidades trazidas pela etnografia, escolhi a perspectiva da *Etnografia das Percepções*, de Florence Weber (2009), que me proporciona acompanhar os deslocamentos e fluxos nos espaços vividos, tempos lembrados, experiências incorporadas, "[...] Aproximações estas dos contextos sociais, suas classificações e previsões, enquadrados pela percepção de quem está sendo observado e pela observadora" (WEBER, 2009, p. 258). Sendo os momentos de "estar com" — observando e escutando — descritos por Weber (2009) uma das estratégias metodológicas das práticas ao acompanhar a interlocutora em seus ambientes, relações e locais que condensam suas memórias nos espaços do Vale das Princesas, a partir do Looping Rural, permitindo explicitar textual e visualmente as cenas descritas neste artigo.

A partir destas observações que serviram de base para o estudo, foram descritas cenas paradigmáticas, entendidas como o momento em que a palavra e o espaço dão contorno ao *estilo de vida* (BOURDIEU, 2011) ganhando relevância ao que deve ser realçado. Este processo fenomenológico que se dá em campo foi definido por Weber (2009) como "cenas sociais", que foram construídas, neste presente artigo, por imagens de acervo pessoal de Julia, a partir de objetos e livros selecionados por ela, dando contorno assim, às suas experiências cotidianas, revelando suas escolhas e seus valores ao transacionar do urbano para viver no rural.

Além disso, este estudo tem inspiração no campo da antropologia visual, que propõe um trabalho conjunto — entre pesquisador e interlocutor em campo — através da *antropologia compartilhada* (GAMA, 2009). Foram produzidas imagens *in loco* e selecionadas algumas do acervo pessoal de Julia, estabelecendo com isso, uma aproximação com suas histórias, num processo de elaboração conjunta.

Para tanto, as cenas descritas se configuram por circuitos que integram os valores em mobilidade de Julia, a partir dos seus respectivos temas: cena (1) trata-se sobre a energia geradora das mudanças e suas influências entre o urbano e o rural, abrindo espaço para um hibridismo de influências; cena (2) entende-se a

necessidade de tempo que passa pelas histórias de família e uma forma outra de viver, permeado pelo estilo de vida no rural e relatado a partir de livros; cena (3) busca-se entender a origem e procedência dos alimentos, fruto do processo de autoconhecimento orientado pelas práticas do fazer da sua própria comida como ato político; cena (4) procura-se conhecer o mundo através do voluntariado e as experiências imersivas de hospedagem no Looping Rural; cena (5) identifica-se o sistema informal de pagamento alternativo como uma modalidade em três escalas que possibilita alcançar mais pessoas de forma diversa, democrática e próxima.

Descrição do campo e discussão dos dados

Julia é carioca, casada (na época do campo) com Bernardo e tem uma filha que se chama Teresa que na época desta etnografia, tinha um ano e meio. É jornalista de formação e trabalhou durante dez anos em agências de publicidade. Seu último emprego formal foi como diretora de estratégia digital, no marketing da Rede Globo. Nesta época da agência, Bernardo era seu namorado e trabalhava na empresa Som Livre. Ambos residiam em bairros da zona sul, da cidade do Rio de Janeiro e tinham uma vida própria das camadas médias: sendo pós-graduados, terapeutas, tendo projetos em sequência, onde traziam a visão de mundo de viagens, com grande capital social e campo de possibilidades (VELHO, 1994).

Com certa estrutura estabelecida e com recursos próprios, Julia resolveu viajar pelo mundo buscando viver variadas formas de cultura. A viagem iniciada em 2015 foi chamada de "Looping 365 dias", seu objetivo era viajar por um ano. Nesse primeiro projeto, Julia e Bernardo viveram experiências imersivas em fazendas, numa vida pautada pelo voluntariado, trabalhando em pequenas propriedades agroecológicas, dedicadas à permacultura em países como Nepal, Tailândia e Índia, onde trocavam trabalho por alimentação e moradia.

Depois que uma doença avassaladora acometeu sua mãe, uma médica psicanalista consagrada no Rio de Janeiro, Julia decidiu voltar para o Rio de Janeiro e mudar radicalmente sua vida. Em julho de 2017, voltou para casa, mas não da mesma forma. Antes da viagem, vivia no automático, em uma vida pautada pelo trabalho intenso e o consumo desenfreado — onde se dedicava a tudo, menos aos processos em que acreditava realmente.

Com experiências marcadas pelo manejo com a terra em sua viagem, Julia sentiu que deveria criar um novo jeito de viver, através de um estilo de vida mais simples, uma alimentação saudável e, se possível, plantada e colhida em seu próprio terreno. Ela acreditava que era a oportunidade para que outras pessoas do seu convívio, como família, amigos e, amigos dos amigos, também pudessem conhecer o seu país a partir da sua terra, compreendendo novas formas de viver além da cidade.

Foi então que, em outubro de 2017, o casal decidiu morar em uma casa da família de Bernardo que estava abandonada no Vale das Princesas, perto de Petrópolis (RJ). Lá eles criaram seu projeto autônomo chamado *Looping Rural*, que buscava, em princípio, ativar a produção de alimentos locais a partir da permacultura e do voluntariado, oferecendo hospedagens rurais e "imersões agroecológicas" a pessoas de identidade urbana que se interessavam pelos temas "novos rurais", em troca de alimentação, casa e experiências na vida rural da região.

É importante salientar que o projeto de reinventar uma vida fora da cidade se tornou possível à medida em que a trajetória de Julia lhe oferecia condições para realizar este projeto. Ou seja, era uma mulher branca, de classe média e com autonomia financeira advinda da herança deixada por sua mãe, permitindo que o seu cotidiano se transformasse, criando formas de conviver com esta mobilidade entre o rural e o urbano. O seu *habitus* (BOURDIEU, 2011) criava também, códigos aplicados para esta mudança de forma efetiva, conforme propõe Velho (1994), ao descrever que perfis de camadas médias conformam maiores condições de se *reinventar e criar projetos autônomos* em função do seu campo

de possibilidades, sendo esta uma das chaves deste estilo de vida em *fluxo* (HANNERS, 2015).

Esta perspectiva atualiza o pensamento do "novo rural", percebido por Carneiro (1998), através de identidades urbanas em ambientes rurais. E que neste artigo se constituem por um estilo de vida móvel e continuado entre a casa da cidade e casa do campo, interligados pela composição urbana-rural, criando assim, efeitos em ambos os espaços. Que, no caso de Júlia e Bernardo, os leva a sair da cidade do Rio de Janeiro, mas não por completo, para o Vale das Princesas, já que sempre iam e voltavam para a cidade, praticamente todos os meses.

Na sequência, a partir da descrição etnográfica, apresento as cenas paradigmáticas relativas ao acompanhamento de Julia em campo, no Looping Rural, onde pude analisar seus circuitos de valor, conformando junto às suas práticas econômicas alternativas, num estilo que permeia configurações ecológicas no que tange a sua relação *ética* num exame de *cuidado à Gaia* (BOFF, 2014) fomentando práticas de aproximação e reflexão através do manejo com terra e a comunidade local no Looping Rural.

A proposta de Leonardo Boof (2012), busca trabalhar com as quatro ecologias: ambiental, política e social, mental e integral orientando as discussões das cenas etnográficas vividas no Looping Rural, lugar onde Julia coloca toda a sua potencialidade vivida ao redor do mundo, através de sua atuação com o voluntariado, gerando reflexão sobre os modos de vida na cidade, através da sua atuação agentiva dentro do seu projeto para pessoas urbanas.

Cena 1: a energia geradora de mudanças e suas influências entre o urbano e o rural abrindo espaço para um hibridismo de influências

Figura 1 – A casa do *Looping Rural*



Fonte: Dados da pesquisa (2019).²

O processo de metamorfose que vivia Julia se relacionava com o que propôs Velho (1994) ao relatar as transformações da classe média brasileira em um processo de fragmentação constituído por suas identidades que tem, em seu cerne, o conceito de *habitus* (BOURDIEU, 2011). Neste estudo, a mobilidade de Julia, atualiza os valores de jovens adultos urbanos das ditas sociedades

² Nota: Cena de Julia brincando com Teresa e o cachorro, que me deparei ao acordar na primeira manhã de estadia no Looping Rural. A casa fica de frente para uma horta de plantas comestíveis no estilo pangs.

complexas em uma dinâmica inversa, constituída pela (cidade-campo) ao habitual deslocamento da cidade para rural. Um dos exemplos que exemplifica esta mobilidade que influencia outros a sua volta de forma contínua, foi logo que cheguei no Looping Rural, onde Julia recebeu um jovem casal de amigos, advindos do Rio de Janeiro, com o filho da mesma idade da filha de Julia. Os mesmos, não por coincidência, eram hóspedes frequentes do projeto e das imersões.

Neste final de semana, tive a oportunidade de identificar sensações adormecidas em Julia, através do encontro com este casal, que havia trazido alguns produtos gastronômicos feitos de forma artesanal no bairro de Botafogo — local onde Julia e Bernardo moravam no Rio de Janeiro. Eles trouxeram um brioche com geleia de laranja e pimenta, que foi dispositivo para despertar memórias em Julia, através de marcas, produtos, gostos e desejos do urbano, ainda que experienciados em plena floresta, traziam o *habitus* de sua trajetória. Foi quando ela começou a relatar de forma genuína, na mesa do café da manhã, o que deixara na cidade, encontrando uma espécie de nostalgia sobre seus gostos e estilo de vida que deixou em um lugar do passado, ainda presente.

Esta lembrança de um alimento sofisticado trazia à tona os valores urbanos de Julia, estabelecidos pela conexão direta de estar perto da natureza, mas nunca tão longe que não pudesse ir e voltar para a cidade. Podendo vivenciar este tipo encontro, fazendo com que o conceito de *mobilidade* fosse atualizado como objeto de estudo, naquele momento. Ao mesmo tempo, esta cena reflete o hibridismo de influências de Julia, tecido pelo cruzamento da cidade, onde vive, sob certo aspecto, em dilema sobre o fetiche do consumo, trazendo à tona a perspectiva de facilidade, da qual vivia, onde o consumo de produtos estava ao seu redor, diferente da vida que vivida no rural. Contudo, o consumo por marcas valorizadas por ela e que estavam em sua geladeira, como o *cream cheese* importado, apresentavam de forma direta os seus gostos e valores constituídos por um estilo de vida apreendido pela experiência na cidade, que ainda servia como atual.

Importante ressaltar que o processo entre o urbano e o rural era percebido por Julia como uma espécie de travessia, onde se desapegar das práticas da cidade, sua origem e repertório de vida atrelados à experiência cidadina, tinha um certo prazo de validade para se acomodar, mas que estava certa que não morreria totalmente. Um dos elos que reiterava a identidade urbana em Julia é sua rede de amigos, por exemplo, que continuamente estavam no Looping Rural aos finais de semana, buscando experiências imersivas na "floresta" como Julia se referia ao espaço rural do Vale das Princesas, que ficava entre vales, numa floresta fechada a 1h de distância de Petrópolis.

Julia enxergava o projeto funcionando junto do seu papel como mediadora do espaço rural para as pessoas ditas urbanas, proporcionando reflexão e, também, provocação, sobre os modos de vida na cidade. Para tanto, se considerava uma curadora de experiências que criava momentos, atividades e reflexões atualizadas a cada hospedagem para seus amigos e amigos dos amigos. Também procurou se dedicar a pensar em circuitos de cuidado (ZELIZER, 2011): esse processo foi iniciado por um grupo de mães do Rio de Janeiro, via *WhatsApp*, junto de uma das amigas de Julia, que é mãe, e se hospedou no Looping Rural, o indicando para outras mulheres mães no seu *Instagram*, que existia um espaço rural com tempo lento e cuidados na serra do RJ para mulheres e seus bebês, sobretudo para viver os momentos dedicados ao puerpério. Este relato de sua sensação de "férias" fez com que muitas mulheres entrassem em contato com Julia para fazerem o mesmo, "assim nasceu a vontade de me dedicar a esse recorte de mulheres" (JULIA, 2019). Neste momento, surge a ideia de agregar ao seu projeto um espaço com imersões para mães e seus bebês em um ambiente em meio a natureza.

Estes laços entre mulheres conectam à vida de Julia — junto de sua rede de amigos e amigos dos amigos — configuram-se em circuitos ativos de cuidado (ZELIZER, 2011) agenciados pela proposta de hospedagem dentro do projeto Lopping Rural. Entretanto, a ideia de *circuitos de cuidado*, Zelizer (2011), também agencia significados potencialmente comerciais, que favorecem a

possibilidade de Julia viabilizar as experiências imersivas, também como fonte de renda, reforçando a confiança e a reciprocidade dela como mediadora destas propostas, dado pelo contexto, de também, ser mãe e ter passado pelas mesmas necessidades quando teve a sua filha Tereza. Neste sentido, Julia estabelece um diálogo com a "ética do cuidado" (BOOF, 2012) num processo de reflexão-ação, através do referencial (bio)ético de convergência, onde Boof, traduz por meio do ato de compaixão para com os outros.

Cena 2: a necessidade de tempo que passa pelas histórias de família e uma nova forma de se viver relatada por livros

Sempre que escutava Julia falar do seu pai ouvia um ensinamento, uma história corajosa ou um ato paradigmático. Ele era seu alicerce, quem fazia com que ela não levasse a vida tão a sério, sendo, ele próprio, um quebrador de regras. Julia tem uma relação de muito respeito aos valores do pai. Admira-o e sempre recorre às suas paródias dos tempos gloriosos vividos por ele na alta sociedade carioca, para exemplificar suas necessidades, ideias e comportamento.

O pai de Julia viveu sua juventude entre um grupo de amigos da zona sul, jornalistas, filósofos, intelectuais e membros da elite carioca. Formou-se em economia, trabalhou no Ministério da Agricultura e Pesca (RJ) e no Governo de São Paulo. Aposentou-se por uma empresa pública, vinculada ao Ministério de Minas e Energia. Sempre viveu como um intelectual, em um estilo de vida *bon vivant*. Segundo Julia (2019), seu pai "sempre foi muito contemplativo. Apesar de ser oriundo de família classe média baixa e nunca ter tido muita grana, ele sempre teve um olhar que contemplava e agradecia a vida todos os dias". De acordo com ela, seu pai aproveitou o que a vida tem de melhor. Essa energia contemplativa vem de família, já que seu bisavô, avô de seu pai, era um escritor anarquista e colunista da antiga revista "Careta", sendo para ela, uma grande referência de coragem.

Julia se mostra uma aliada da *ecologia mental* (BOOF, 2012) a partir da absorção de alguns livros que consagram um estilo

de vida que está em justaposição ao livro "A economia do ócio", de Bertrand Russel e Paul Lafargue (2001), — indicado por Julia, como um dos livros que a representavam nesta nova vida — descrevendo sua necessidade por qualidade de tempo. Sendo este último, uma busca eterna, já que é uma viciada em trabalho, mesmo morando na *roça*, outra categoria expressada por Julia, em suas falas, para falar sobre a paisagem rural onde mora. Neste processo de investigação das representações, práticas e simbologias de Julia, busco entender um pouco mais sobre a sensação de "qualidade de tempo" e identifico um recorte (no livro indicado por Julia) que traduz a sua sensação: "[...] uma das vítimas do progresso, e que teve durante muito tempo a crença no mercado competitivo, legado que foi nos deixado de um sonho americano", como explica os autores Bertrand Russel e Paul Lafargue com introdução e organização de Domenico De Masi (2001, p. 43). Na capa, um dos códigos contemplativos desta configuração de tempo livre explicita imageticamente a necessidade de contemplação de Julia, através de uma cadeira de praia. Entretanto, na obra os autores discutem o conceito de trabalho, e desenvolvem uma análise em relação ao tempo de ócio, procurando encontrar origens e percepções que cada um destes conceitos provoca em sociedade. Segundo Julia:

Quem é mestre na arte de viver distingue entre o trabalho e seu tempo livre, entre a própria mente e o próprio corpo, entre sua educação e sua recreação, entre seu amor e sua religião. Com dificuldade, sabe o que é uma coisa e outra. E busca simplesmente uma visão de excelência em tudo que faz, deixando que os outros decidam se está trabalhando ou brincando. Meu pai pensa em sempre fazer ambas as coisas ao mesmo tempo e é esta referência para mim. (Julia, 2019)

Sendo o "mistério" a grande característica do consumo moderno, que envolve a busca pelo interminável, onde jamais serão satisfeitos os desejos e necessidades, sempre havendo um modo de reposição daquilo que não pode ser preenchido (CAMPBELL, 2001). Dentro disso, o consumidor moderno necessita alcançar

"coisas" de tempos em tempos, como explica Campbell (2001, p. 59), o que não seria diferente para Julia, sob a influência da sua identidade urbana, na raiz de sua trajetória, impregnada por seu *habitus*, mesmo estando em convivência com a natureza de forma eminente no rural.

Figura 2 – Livro "A economia do ócio"



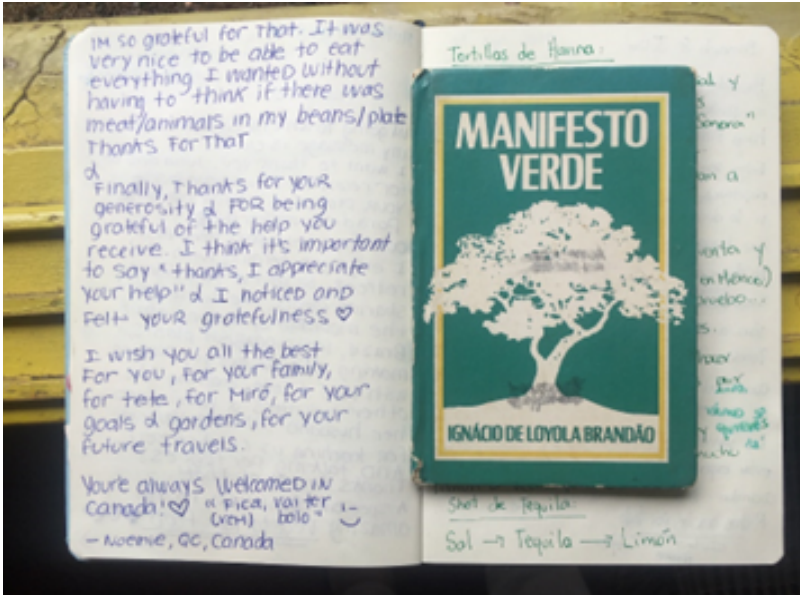
Fonte: Dados da pesquisa (2019)³

³ Nota: O livro a "A economia do ócio" foi um projeto de sensibilização do seu pai para a passagem de Julia da cidade para o campo. Este livro é uma referência importante na história de Julia, já ele trata de sua tentativa de explorar melhores condições de viver e despertar sobre o seu tempo.

É curioso que uma das formas de falar de Julia passa pelas anedotas de seu pai e, também, pelos comentários sempre amparados por indicações de livros. Desde o nosso primeiro contato, ela explicava o que sentia através dos títulos dos livros dos quais insistia que eu precisava conhecer. Segundo Julia, foi a leitura do "Manifesto Verde" (1985), de Ignácio de Loyola Brandão, que deu velocidade à mudança que ela "necessitava" fazer quando chegou ao Brasil, onde buscou intensificar o seu objetivo de ver a vida a partir dos seus olhos, de forma direta e presente, sem mediadores, como fazia seu pai. Nesta proposta, o livro introduziu Julia a condição ecológica, através do presente de seu pai, que guardou cuidadosamente para lhe entregar quando chegasse de viagem, assim como tantos outros livros comprados em sebos diversos do Rio de Janeiro. Foi a partir de lugares e culturas que não havia imaginado estar, que Julia tornou concreta a máxima do pai: "rico é quem tem tempo", explicitando a origem do sentimento que a coloca mais perto do rural. Contudo, a proposta de viver diferente do que vivia — sob a condição automatizada — se inicia na viagem em que fez por vários países onde trabalhou como voluntária antes de chegar a seu projeto Looping Rural.

Importante destacar que o "Manifesto Verde", não foi só importante como obra que lhe influenciou, mas era exposto em sua estante, em cima da lareira, na sala de estar. Entrando na casa de Julia era uma das primeiras coisas que se via. Sobretudo porque Julia deixava-o sempre aberto, uma espécie de Bíblia dos valores do Looping Rural, um mantra diário, que se apresentava como uma história-manifesto contada a partir do autor para seus filhos, onde ele descrevia os princípios que ele desejava ver crescer dentro de seus filhos no futuro. Julia fez questão que eu o lesse em minha estadia, em sua casa, pois queria que eu compreendesse *in loco* porque ela desejava estar dentro de uma floresta, em um "ambiente de autonomia e liberdade" como a mesma comentava.

Figura 3 – Livro "Manifesto verde"



Fonte: Dados da pesquisa (2019).⁴

Ao lado do livro, havia também, algumas pedras de tamanhos variados, que foram presentes, coletados pelo próprio pai de Julia, ao lado de uma placa de madeira lapidada e pintada de "amarelo" — cor do projeto que tem o objetivo de realizar um despertar nas pessoas — escrito "Looping Rural". Havia também, objetos que traziam boa sorte, como elefantes trazidos da visita de Julia à Índia, uma carranca de madeira da região do Nordeste para retirar mau olhado e algumas sementes de alguns lugares do

⁴ Nota: o livro "Manifesto Verde" e sob ele o caderno de experiências com depoimentos dos hóspedes e suas transformações no Looping Rural. Uma espécie de ritual de *check-out* que Julia alimentava, confirmando um pouco da sua dedicação nas experiências vividas dentro do projeto.

mundo e algumas espécies locais. Naquele mesmo espaço, havia "coisas" trazidas da vida no urbano, agentes estes, que compõem o hibridismo de influências de Julia, que consagra a recepção, em frente a porta de entrada de sua casa no rural. Reiterando o conceito de *Ecologia Integral* Boof (2012) que busca construir entre o ser humano e natureza, um despertar da cosmovisão holística no espaço.

Figura 4 – Objetos de valor da casa



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A casa do *Looping Rural* é um cenário vivo de memórias, da família do Bernardo, que veraneava na casa nas décadas de 80 e 90, onde se mantém as cadeiras assinadas por arquitetos e coleções de porcelana. Antiguidades e relíquias se misturam entre as paredes geladas de muro de pedra original da casa, junto de uma estética urbana — fruto de um consumo material (MILLER, 2007) que se apresentava como marca de uma identidade juvenil deixada

para trás, dizia Julia. É interessante perceber que, mesmo com uma bebê na casa, os adultos imperavam através dos códigos entre seus gostos, por meio de símbolos de uma vida urbana intelectual, lotada de leituras, filmes e quadros que denunciavam suas escolhas na época. Todos aqueles objetos, de alguma forma, demarcavam a exposição dos seus capitais culturais e sociais (BOURDIEU, 2011).

Cena 3: a busca por entender a origem dos alimentos como autoconhecimento e ato político

Após dois anos de viagem através do projeto anterior ao Lopping Rural, chamado de *Lopping 365 dias*, Julia e Bernardo chegaram ao Rio de Janeiro prontos para colocar em ação o plano de saída da cidade para a roça. Experiência de deslocamento onde pessoas do urbano atualizam hábitos de vida combinando a modelos do universo do rural, como: acordar com as galinhas, plantar sua própria comida e trocar alimentos com os vizinhos, chamado como prática dos "novos rurais", por Maria José Carneiro (1998).

A tarefa de se instalar na casa de veraneio da família do Bernardo, era complexa e intensa, pois envolvia limpeza, reforma e pintura. Sendo percebidos logo no comecinho de sua estadia, como *outsiders* (BECKER, 2008) dentro do Vale das Princesas, onde não eram nem turistas e muitos menos uma família da elite carioca que passava somente alguns dias na região, utilizando a casa como veraneio. Nessa época nasce "Dona Julia", como a própria se intitulava na rede social *Instagram*.

Figura 5 – "Novos Rurais"



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Júlia (2018)⁵

⁵ Nota: Julia e Bernardo quando chegaram no Looping Rural, antes da Teresa nascer, onde já estavam engajados com o terreno da família de Bernardo.

O processo de vida no rural de Julia e Bernardo nasceu da vontade de viver com "mais consciência" (categoria êmica explicada por Julia), que tem ligação direta com suas práticas diárias e escolhas de consumo no rural, onde inicia a sua preocupação por conhecer a origem dos alimentos dos produtos que comprava. Com isso, Julia começou a multiplicar práticas "mais positivas" que obtinham impacto direto em suas vidas individuais e, também, coletivas, na comunidade. Julia não se enxergava mais vivendo na cidade, mas o Vale das Princesas, ainda não era um local totalmente acolhedor. O projeto rural se iniciou com a ajuda de amigos que já faziam parte do Projeto Gaia, uma Escola Internacional Agroflorestral, situada no Rio de Janeiro, que desenvolve uma proposta com forte ligação e disseminação do manejo da permacultura. Esse grupo de colegas é formado por amigos de Bernardo, que ajudaram o casal no trato com a terra, abrindo espaço para nascer o projeto Looping Rural.

Figura 6 – Mutirão de plantação agroflorestal



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Júlia (2018)⁶

⁶ Nota: Amigos que vieram do Rio de Janeiro, da Rede *Gaia Education*, engajados de forma voluntária para fazer nascer o espaço de permacultura no Looping Rural.

A permacultura deu início à primeira fase do projeto do Looping Rural, onde a comida era subsidiada por tudo que se podia plantar, sendo uma das formas de se libertar de produtos processados. Julia começou a integrar-se à cozinha, cozinhando para si e para os hóspedes com alimentos que colhia em sua horta ou comprava de seus vizinhos. Pouco a pouco, ao seu modo "autodidata", preparava pratos de comidas naturais e vegetarianas. Uma de suas práticas foi conhecer o processo produtivo do alimento, dando atenção especial à sua origem — e entendendo como esse processo estava ligado ao conceito de "Bem viver" (ACOSTA, 2016), que reflete as práticas e visão de mundo dos povos originários, baseados no modo de viver participativo, comunitário e em equilíbrio com a natureza, trazendo para Bernardo e Julia, uma autoconsciência sobre seus modos de vida e sobre o que estavam comendo. A possibilidade de estar em casa, com sua filha, também trouxe outros efeitos às escolhas de Julia. Assim, ela buscou viver os primeiros meses da maternidade em um espaço que propiciava uma relação mais próxima com a produção dos alimentos, fazendo-a se experimentar na realização de receitas dentro da cozinha do seu projeto, estimulando um tempo diferente do qual vivia, de aceleração da vida como acontecia em sua vida na cidade.

Figura 7 – Júlia na cozinha



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Julia (2018)⁷

⁷ Nota: Julia em sua cozinha, refletindo seu orgulho de proporcionar sensações aos hóspedes, com alimentos de plantas comestíveis colhidos da própria horta.

Tudo começou com a percepção do que era necessário "comer melhor". Apesar das dissonâncias — entre o certo e errado, verdadeiro e falso — que quase sempre apareciam na fala de Julia, implicando nas contradições operadas sobre o vai e vem de seus pensamentos, onde ela sempre reforçava sua intenção diária por se manter atenta ao processo de vigilância dos seus hábitos e pensamentos: pois acreditava que "a comida é uma espécie de cura, fonte de prazer e inspiração. (...) Me ensinou e me deu uma visão lúcida sobre a neurose da hiperatividade, antes mesmo de se falar em fome. Me ensinou também sobre o tempo (JULIA, 2019).

É importante destacar que Julia passa boa parte do seu dia engajada em processos que ela considera de "autoconsciência", neste sentido a alimentação é um ponto central neste estilo de vida. Onde ela procurava se envolver em todos os processos que pudessem refletir neste despertar das pessoas que chegavam no *Looping Rural*. O objetivo era provocar estas pessoas urbanas, a experimentar a vida rural de perto, se hospedando no espaço construído por Julia e desfrutando de uma alimentação que, segundo ela, beneficiava não só o corpo, mas a produção local e o manejo da natureza.

Traduzindo sua proposta de "ecologia política" aplicada (BOOF, 2012), expandindo a consciência, por meio: (a) das escolhas de quem compra os alimentos e a avaliação de sua origem; (b) fazendo a seleção dos produtos vegetarianos mais frescos e da safra para o preparo; e por fim: (c) diariamente comer e refletir sobre seus hábitos alimentares.

Figura 8 – A cozinha: lugar de atuação política no *Looping Rural*

Fonte: Dados da pesquisa (2019)⁸

Neste circuito de cuidado (ZELIZER, 2011) e manutenção ecológica da terra (BOOF, 2013) junto dos estudos sobre agrofloresta e alimentos cultivados e colhidos em sua horta, Julia priorizava a compra de produtos de seus vizinhos (produtores de queijo de cabra e mel de abelhas), fazendo com que sua atuação local se ampliasse a uma atuação política "do bem" (categoria êmica). Que, segundo Miller (2011, p. 53), designa: "uma abordagem que permite o acesso da tecnologia do amor, de maneira que o cuidado e a preocupação são expressados no lar", trazendo a noção de circuitos de valor afetivos aos produtos consumidos que, em sua maioria, eram vegetarianos e locais.

⁸ Nota: casal apresentando texturas e novos gostos a Teresa, sua filhinha. A cozinha era um local de iniciativas coletivas, propostas imersivas e com foco na alimentação natural e vegetariana.

Cena 4. conhecer o mundo através do voluntariado e experiências imersivas na hospedagem do *Looping Rural*

A casa abrigava imersões que fortaleciam o estilo de vida "consciente" (categoria êmica — refletido por Julia) propondo vivências que visavam atingir o lixo zero — um desafio imenso — na realização de *workshops* de beleza natural; medicina intuitiva da floresta; bruxaria pós-parto; construção de sua própria composteira; imersão musical e musicalização para as crianças. Esses encontros aconteciam como fonte de receita ao projeto e tinham o objetivo de compartilhar, aumentar, distribuir e repassar o conhecimento adquirido por Julia e Bernardo nos últimos anos.

Figura 9 – Experiências Imersivas



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Julia (2018)⁹

⁹ Nota: voluntariado com imersões de amigos facilitadores através de vivências de despertar de novos sentidos, através do contato sinestésico com a natureza.

Uma das redes de expansão das práticas e atividades propostas por Julia, foi construída por meio de circuitos digitais (ZELIZER, 2011), através de plataformas pagas como *Airbnb* (através de hospedagens) e *WorkaWay* (por meio do voluntariado), sendo a segunda destinada à pessoas que viajam pelo mundo realizando pequenos serviços em sítios que têm colheitas ou manejo com a terra — em troca da experiência com impacto social e ambiental, casa e alimentação. Esta foi uma das formas que Julia viajou e a forma com que ela encontrou de poder ter maior contato com pessoas, e com "o mundo dentro de casa", onde mesmo vivendo na floresta, recebia pessoas voluntárias de diversos países, como Alemanha e França, para as tarefas de manejo com a terra.

Esse tipo de iniciativa além de trazer uma troca de experiências, também dava à Julia um fôlego a nível social, para atravessar este estilo de vida mais isolado, onde socializa com mais pessoas e, ainda, possibilitava o sustento financeiro do Looping Rural, através de hospedagens, almoços e imersões de sensibilização.

Figura 10 – Café da manhã no Looping Rural



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Júlia (2018)¹⁰

¹⁰ Nota: A procura por beleza em tudo é uma das dinâmicas cruciais para absorção das experiências no Looping Rural, sendo um dos critérios para as atividades propostas na imersão rural.

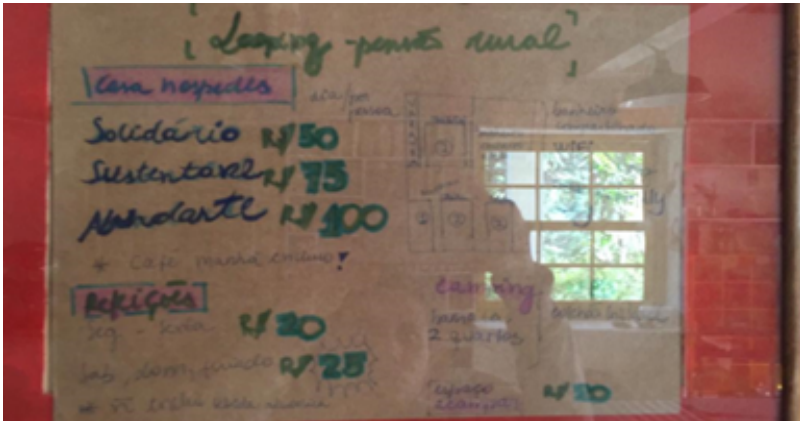
Como profissional da área de comunicação, Julia sabe que o valor está na experiência adquirida no espaço. Sendo a estética e o cuidado dos detalhes, como a mesa do café da manhã, onde Julia proporcionava um momento único, com foco nos alimentos frescos e naturais, mensagem que fazia parte dos valores da hospedagem. Neste sentido, tudo que não atendia a esta relação com o natural, fazia com que Julia ficasse menos confiante de cobrar pela hospedagem. Sentimento atribuído pela sensação de escassez, criado pela necessidade da demanda, de alguma reposição. Ou seja, precisava fazer algo a mais, para ser melhor, sendo esta sua ação mais parecida com "(...) um jogo do que com um cálculo preciso" (CAMPBELL, 2001, p. 64).

Cena 5: o sistema informal de pagamento alternativo: uma modalidade em três escalas que possibilita alcançar democraticamente mais pessoas

O sistema de pagamentos das atividades do Looping Rural sempre foi uma questão de reflexão para Julia, pois sentia que propiciava atividades somente para um recorte de classe social, sobretudo, as classes média e média alta. Sentindo a necessidade de alcance de perfis mais populares dentro do seu projeto, sendo este um dos seus objetivos.

Para dar contorno a esta necessidade de maior diversidade ao projeto, Julia criou uma forma alternativa de pagamento para seus serviços de hospedagens e imersões, a partir de modalidades vinculadas a escalas. O quadro exposto abaixo, ilustrado pela Figura 11, apresenta como ela organizava estes formatos alternativos de pagamento através de três modalidades: (a) modalidade mais enxuta, do qual chamava de pagamento *solidário*; (b) modalidade de pagamento *sustentável* que incluía no cálculo os gastos, mas não o lucro; (c) modalidade *abundante*, que incluía o lucro no cálculo e, ainda, possibilitava a valorização da experiência completa no Looping Rural com hospedagem, imersões e alimentação.

Figura 11 – Quadro dos formatos de pagamento no *Looping Rural*



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Júlia (2018)¹¹

Julia diz que não foi fácil aprender a estabelecer um modo de pagamento do qual ela considerasse justo e que pudesse trazer pessoas com possibilidades diferentes de investimento ao seu projeto. Estes três formatos, foram a maneira que ela encontrou de proporcionar que mais pessoas — de lugares e classes sociais distintas — pudessem usufruir das atividades e serviços oferecidos em seu projeto *Looping Rural*.

Neste sentido, o modelo oportunizou uma série de adeptos, hóspedes que participavam de sua rede direta de amigos e de amigos dos amigos. Dentro desta proposta de escalas, a tentativa de uso do *Airbnb*, por exemplo, não se consolidou, devido às regras próprias da plataforma, que não dava espaço para outras possibilidades de pagamento mais informais. É importante ressaltar, que a inquietude de Julia, em relação ao financeiro advém, também, da sensação que a mesma tinha sobre o momento de cobrança.

¹¹ Nota: quadro de possibilidades de pagamento no *Looping Rural*, fotografado por Julia, do mural que ficava entre cozinha e sala, lugar de fluxo de pessoas, que ficava em destaque.

Pois percebia que existia uma certa impessoalidade nas práticas de pagamento que percorriam as relações monetárias (SIMMEL, 2009). E mesmo acreditando que precisava expandir o projeto, Julia desejava que as "experiências de escolha" aproximassem as pessoas também do meio rural, onde a *informalidade* era prática comum, estabelecendo com isso, novas formas de se lidar com o dinheiro, criando uma dimensão econômica alternativa a prática da informalidade, que concerne diálogo com Carmen Bueno (1990), que nomeia a prática da informalidade econômica como um modo de produção doméstica de bens, também chamada de atividade "intramuros", dita como "clandestina", que escapa do controle do Estado, impactando a nível social por meio da vinculação de uma proposta doméstica. Que no caso de Julia, foi nomeado como "pessoalidade" ou "proximidade", caracterizado por sua proposta de arranjos informais, através de escalas de pagamento, vinculada ao seu projeto Looping Rural.

Contudo, Julia acreditava que as possibilidades ampliadas de pagamento *solidária, sustentável e abundante*, fortaleceriam não só a proximidade entre pessoas de classes e origens distintas, mas também, atingiria outras formas de convivência entre o rural e o urbano. Neste sentido, Hart (2019, p. 988), nos ajuda a pensar que "(...) mesmo o dinheiro tendo uma variedade de formas, repousa no sentido de juntar duas ideias: que as pessoas ganhem o controle de suas práticas cotidianas e auxiliie na proposta de uma economia humana a partir das conexões".

Trazendo para o projeto Looping Rural, a capacidade de mover o dinheiro de forma informal, a partir de pessoas distintas, mas com atuações e interesses vinculados a uma visão holística e universal entre o ser humano e natureza. Fazendo com que mais pessoas pudessem se interessar pela oferta de hospedagem rural, com alimentação vegetariana e imersões de reflexão e autoconsciência. O mais interessante, é que em sua maioria, estas pessoas não se conhecem, mas tem características, interesses e investimentos designados a entender a vida no rural em comum.

Resultados e considerações finais

Este artigo, cujo principal objetivo, foi analisar os circuitos de valores urbanos em mobilidade dentro dos espaços rurais intitulado de "novos rurais" a partir da trajetória de Julia, fizeram com que a mesma, pudesse compartilhar com visitantes, hóspedes e voluntários do seu projeto Looping Rural, outros sentidos vinculados à cultura ecológica, não só ambiental, mas também social e política (BOOF, 2012).

Para tanto, o formato de pagamento informal, dilatado por Bueno (1990) como uma proposta considerada doméstica, dita como "intramuros", que se abstém do controle do Estado, possibilitou a Julia, ampliar o acesso do rural para pessoas que, normalmente não teriam acesso, expandindo a visão da alimentação e o cultivo agroecológico de perfis urbanos populares, além da classe média habitual, beneficiando assim, não só a comercialização de experiências, hospedagens e imersões dentro do Looping Rural, mas vinculando a reflexão de outros feitos, de forma mais democrática, através de pessoas com origens distintas. Multiplicando assim, a experiência do seu capital ecológico a mais pessoas, e, proporcionando com isso, estabelecer conexões de ordem ecológica, política e social. Fazendo com que hóspedes e visitantes, sobretudo, pessoas moradoras de grandes centros urbanos, pudessem refletir sobre os valores deixados sob aquela experiência, através das escalas *solidária, sustentável e abundante*.

Para tanto, através da trajetória da Julia, frente ao seu projeto Looping Rural, foi possível mostrar que viver de forma sistêmica e consciente, comercializando serviços que contemplem e inspirem uma proposta plural, e de justiça social, através de modelos mais harmoniosos de vida, podem também, acessar camadas distintas sociais, estabelecendo proximidade entre relações de todas as ordens, sobretudo econômicas. Afinal, como reitera Hart, "se envolver com o dinheiro é como aprendemos a ser humanos nos sentidos" (2019, p. 988). Entretanto, nota-se que, a necessidade de deixar transparente todos os modos de pagamento no quadro, apresentando os valores abertos sobre a categorias de

gastos, ampliando as escalas de contato com a informalidade, e deixando os livros abertos na estante — cuidadosamente junto dos símbolos à mostra desta vida rural — era também, uma maneira de demarcar o espaço e reiterar o discurso que estava sendo ainda absorvido, mas que não era consolidado por inteiro na vida de Julia e Bernardo.

Frente a isso, me chamou a atenção, o livro "O que é Ecologia", de Antônio Lago e José Augusto Pádua, que Julia me deu na minha saída de volta para cidade. Livro este que dilatava, o que vivi nos dias de campo em seu projeto. Não por caso, este livro era introdutório sobre o pensamento ecológico, cujo texto fora sublinhado e nitidamente manuseado por Julia, em várias partes, se mostrando um glossário deste estilo de vida, e a fazendo compreender ainda mais sobre seus desejos em uma espécie de manual sobre o discurso rural, possibilitando falar sobre iniciativas ecológicas, inícios e começos do que estava vivendo ali, naquele espaço construído, chamado Looping Rural.

Referências

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundo. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

BECKER, Howard. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2011.

BOFF, Leonardo. **As Quatro Ecologias**: ambiental, política e social, mental e integral. Rio de Janeiro: Mar de Idéias: Animus anima, 2012.

BOFF, Leonardo. **O cuidado necessário**: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade. 2. ed. Petropolis: Vozes, 2013.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar: ética do humano — compaixão pela terra.** 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BUENO, Carmen. **Una lectura antropológica sobre el sector informal** Nueva Antropología, vol. XI, núm. 37, abril, 1990, p. 9-22 Asociación Nueva Antropología A.C. Distrito Federal, México

CARNEIRO, Maria José. Ruralidades: novas identidades em construção. **Estudos Sociedade e Agricultura**, nº 11, outubro, 1998. p. 53-75.

CASTELLS, Manuel. **Outra Economia é possível: cultura e economia em tempos e crise.** Organização Manuel Castells; 1. Ed — Rio de Janeiro, Zahar. 2019.

CAMPBELL, Colin. "O enigma do consumismo moderno" e "O hedonismo tradicional e o moderno". *In: A Ética Romântica e o Espírito do Consumismo Moderno.* Rio de Janeiro, Rocco, 2001, p. 57-113. 2001.

GAMA, Fabiene. Etnografias, auto-representações, discursos e imagens: somando representações. *In: GONÇALVES, Marco Antônio; HEAD, Scott. (org.). Devires Imagéticos: Representações/ Apresentações de Si e do Outro.* Rio de Janeiro: 7letras, 2009.

HANNERS, ULF. **Explorando a cidade: em busca de uma antropologia urbana.** Tradução Vera Joscelyne, Petrópolis RJ: Vozes, 2015.

HART, Keith. "The Persuasive Power of Money" *In: S. Gudeman (ed). Persuasion in Economic Life.* Londres, Berghahn Books, no prelo, 2019, 27 p.

JOB, Maria Carmencita. **Estudo Etnográfico das experiências de três mulheres brasileiras que transformaram seus estilos de vida.** Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais — PUC-RS. Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/10222>. Acesso em: 8 jan. 2021.

KAYSER, Bernard. **La renaissance rurale: sociologie des campagnes du monde occidental.** Paris: Armand Colin, 1990.

MATHEWS, Gordon. **Cultura Global e Identidade Individual**. Bauro: EDUSC, 2002.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EBU Editora, 2017.

MILLER, D. Consumo como cultura material. *In: Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 13, n. 28, jul/dez, p. 33-63. 2007.

SIMMEL, Georg. **Psicologia, dinheiro e outros ensaios**. Tradução de Arthur Morão. Lisboa: Texto e Grafia, 2009.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Zahar, 1994.

WEBER, Florence. **Trabalho fora do trabalho**: uma etnografia das percepções. Rio de Janeiro: Geramond, 2009.

ZELIZER, Viviana. **A negociação de intimidade**. Tradução: Daniela Barbosa Henriques. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.